

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE DIFERENTES AMBIENTES DA INTERNET E SUA RELAÇÃO COM O SUPORTE*

*A description and an analysis of linguistic uses in
different internet environments and their
relationship to support*

Rodrigo Moura Lima de Aragão**

INTRODUÇÃO

A internet vem promovendo mudanças significativas no cotidiano do homem contemporâneo. Educação, comércio e imprensa são exemplos de campos que têm absorvido com rapidez sua tecnologia, compondo modos novos de prestação de serviços que atingem um número crescente de pessoas. O universo lingüístico, em constante mutação, apresenta, atualmente, usos específicos que se originaram no mundo eletrônico, ou que neste assumiram novas formas. Particularmente no âmbito da língua portuguesa brasileira, vem tornando-se expressivo, nos últimos anos, o uso da

* Este artigo é o resultado da primeira etapa do projeto de iniciação científica *Sobre a influência da internet – suporte e ambientes – na produção textual do PEC: uma análise de textos produzidos no contexto da formação de professores à distância*. Sendo realizada no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Programa Institucional de Iniciação Científica), essa pesquisa volta-se à presença de traços lingüísticos característicos da internet na produção textual do PEC, programa de educação à distância oferecido pela USP para a capacitação de professores.

** Aluno do curso de Letras da FFLCH-USP, pesquisador da FE-USP e membro do GEPPEP (grupo de estudos da mesma instituição).

quilo que se convencionou chamar de “linguagem da internet”,¹ sendo que, hoje, traços desta já podem ser encontrados fora dos monitores – como assinala o trabalho de Batista (2004), direcionado para o uso da linguagem de salas de bate-papo em bilhetes escolares.

O professor de português não deve ignorar a influência que a internet (suas situações de uso da linguagem, possibilidades e limitações) vem exercendo sobre os hábitos lingüísticos do brasileiro, sobretudo em uma parcela da população jovem que tem crescido em meio à tecnologia. Se, antes, a preocupação do docente dirigia-se principalmente à oralidade, visando ao distanciamento entre a produção escrita dos alunos e a fala, agora, os traços lingüísticos que se desenvolvem no meio eletrônico também merecem atenção. A fim de que o aluno possa fazer um emprego apropriado da língua, de acordo com o contexto enfrentado (eletrônico ou não, e, se eletrônico, qual deles), colocá-lo em contato com suas diversas possibilidades é uma trajetória importante. No entanto, para percorrê-la na sala de aula, é fundamental ao professor conhecer o que, de fato, acontece na internet com relação à linguagem, e é nessa direção que se desenvolve este trabalho.

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar usos lingüísticos de diferentes ambientes da internet (como salas de bate-papo – *chats* – e mensagens eletrônicas – e-mails), articulando-os ainda com aspectos próprios do suporte em questão. Diferencia-se de estudos anteriores, primeiro, por apresentar uma perspectiva brasileira da internet – distinta daquela construída por Crystal (2002); segundo, por ser essa perspectiva ampla, não se restringindo a um ou dois ambientes – diferindo, portanto, dos estudos de Batista (2004) e de Hilgert (2000), focados nas salas de bate-papo, e do trabalho de Nader (2001), direcionado aos *chats* e aos programas de conversação; e, por último, porque aborda o suporte em conjunto com os diversos contextos da internet – distanciando-se, então, da análise de Chartier (2000), que se preocupa com o contraste entre o texto impresso e o eletrônico, fixando-se ao suporte.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Foram coletadas amostras de material eletrônico produzido nos seguintes ambientes da internet: salas de bate-papo, e-mails, blogs (diários

¹ Não é objetivo deste trabalho discutir o termo, no entanto, vale a ressalva de que se trata de algo bastante questionável, pois resulta de uma acepção de “linguagem” oriunda do senso comum. Caso sejam admitidos sentidos da Lingüística para a palavra – como o de Saussure (1995) –, mais apropriados para o trabalho científico, sua validade é mínima.

eletrônicos), fotologs – ou fotoblogs – (álbuns eletrônicos de fotos), programa de conversação, comunidade e *sites* de empresas e do governo. Pela dimensão da internet, não foi efetuado nenhum tipo de processo estatístico para a seleção das amostras, tendo sido estas obtidas em ambientes ou pertencentes a grandes provedores brasileiros (como o UOL e o Terra), ou identificados por *sites* de busca (como o Google e o Yahoo!), ou, ainda, naqueles cujo uso é, atualmente, bastante disseminado, inclusive no meio acadêmico (no caso do programa de conversação e da comunidade). A coleta foi realizada em um período de cerca de 3 meses (de outubro a dezembro de 2005), apresentando a tabela a seguir o total de amostras obtidas em cada ambiente, conforme os tipos de unidade adotados.

TABELA 1 - TOTAL DO MATERIAL COLETADO NOS AMBIENTES DA INTERNET, DE ACORDO COM OS TIPOS DE UNIDADE ADOTADOS.

Ambientes	Salas de bate-papo	E-mails	Blogs	Fotologs	Programa de conversação	Comunidade	Sites de empresas e do governo
Tipo de unidade	Acessos a salas	E-mails	Blogs acessados	Fotologs acessados	Diálogos realizados	Páginas de membros acessadas	Sites acessados
Total	10	29	28	19	45	18	11

Todo o material foi armazenado em arquivos do Microsoft Word (extensão.doc), a fim de facilitar o seu manuseio posterior. A tabela seguinte apresenta o total de páginas resultante desse processo, para cada ambiente, sendo possível verificar por meio dela a amplitude aproximada da coleta executada de forma mais concreta.

TABELA 2 - TOTAL DE PÁGINAS COLETADAS (EM FORMATO DO MICROSOFT WORD), POR AMBIENTE.

Ambientes	Salas de bate-papo	E-mails	Blogs	Fotologs	Programa de conversação	Comunidade	Sites de empresas e do governo
Total de páginas	472	12	47	35	232	43	7

Nota-se, claramente, irregularidade no volume das amostras, contudo, isso não foi involuntário. Um ponto importante para esta pesquisa foi o estabelecimento da quantidade de material a ser coletado, a fim de que fosse possível obter uma representação fiel da internet brasileira. Entretanto, como procedimentos estatísticos não puderam ser aplicados com essa finalidade (uma vez que não se pôde mensurar o universo), adotou-se como critério para a limitação da amostra a repetição dos traços já vistos, ou seja, a partir do momento em que novos usos lingüísticos pararam de ser observados, a coleta de dados de determinado ambiente foi interrompida. Em decorrência justamente disso, há ambientes com maior e menor volume de amostra.

Concomitantemente à constituição desse banco de dados e, principalmente, após a sua composição, levou-se a efeito a descrição e a análise dos seus traços lingüísticos. Todavia, em vez de terem sido formulados retratos de cada um dos ambientes pesquisados, optou-se pelo agrupamento dos traços neles previamente identificados em tópicos amplos, sendo estes os seguintes: pontuação; grafia; braquissemia e acrossemia; vocabulário; *emoticons* e *winks*; maior e menor proximidade com a escrita. Procedeu-se dessa forma porque, assim, a análise pôde tornar-se ordenada (não repetitiva também) e o seu foco, delimitado com mais precisão.

Ainda deve-se observar que, no estudo de cada tópico, foram analisadas as amostras dos ambientes com o seguinte critério: no caso de pontos que permitem uma investigação menos profunda do material e se tratando de ambientes cujo total de páginas não ultrapassou 50 unidades, a totalidade da amostra foi investigada; já no caso de tópicos que exigem uma investigação de maior verticalidade (como, por exemplo, “maior e menor proximidade com a escrita”) ou quando os ambientes estudados tinham um total de páginas superior a 50 unidades, apenas uma parcela da amostra foi investigada. Deve-se notar que, nesse último caso, porém, a análise de cada tópico voltou-se a 16,67% (1 sexto) das páginas, para que, ao longo do estudo, todo o material coletado pudesse ser pesquisado.

Além disso, nos tópicos “grafia”, “braquissemia e acrossemia” e “vocabulário”, foi utilizada a ferramenta de verificação ortográfica do Microsoft Word para identificar as ocorrências; já nos demais, nenhum recurso adicional foi empregado. Por fim, em meio a e após todo esse processo, foram efetuadas as articulações com os aspectos referentes ao suporte, contrastando os traços verificados, portanto, também, com características próprias aos computadores (*software* e *hardware*).

RESULTADOS

Os traços identificados nos sete ambientes compõem uma amostra daquilo que se encontra na internet brasileira, com relação aos seus aspectos lingüísticos. A seguir, esses traços são descritos, analisados e articulados com o suporte, sob os tópicos anteriormente estabelecidos: pontuação; grafia; braquissemia e acrossemia; vocabulário; *emoticons* e *winks*; maior e menor proximidade com a escrita.

A) PONTUAÇÃO

Nos sites de empresas e do governo, assim como em parte dos emails e das mensagens da comunidade analisada (conforme o usuário-autor), os sinais de pontuação são empregados de acordo com a gramática normativa. Ou seja, separam orações independentes, períodos, parágrafos, trechos inteiros (no caso do ponto final); separam termos que têm uma mesma função, isolam o vocativo, o aposto, expressões explicativas (vírgula); separam partes distintas de um período que possuem valor e importância equilibrados (ponto-e-vírgula); entre outras funções – das inúmeras apresentadas por Rocha Lima (1974), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Tratando-se de recurso lingüístico importante, sobretudo por permitirem apresentar ao leitor as idéias de forma organizada – intercalando os diferentes percursos que compõem um raciocínio, demarcando os diversos raciocínios que se tenciona exprimir e reduzindo ou até eliminando a ambigüidade do texto, por exemplo –, os sinais de pontuação não são utilizados, nesses ambientes, de maneira distinta daquela encontrada em textos jornalísticos, ficcionais ou acadêmicos – como este.

Por outro lado, nos ambientes de conversação imediata, isto é, nas salas de bate-papo e no programa de conversação, um uso exíguo desses sinais foi identificado. Em sentenças nas quais caberiam pontos finais, vírgulas e pontos de interrogação, o que se observou foi justamente a sua ausência – dos dois primeiros, em maior proporção; do terceiro, em menor. Um primeiro ponto a ser considerado, aí, é o contexto de uso da língua. Apesar de se tratar de uma situação de comunicação à distância, a interação entre os usuários se concretiza com trocas de turno comumente rápidas e é possível a distinção entre pergunta e afirmação, e entre as diferentes interpretações de uma sentença, por um contexto que, constituído por seqüências de frases registradas na tela do computador, reduz significativamente o número de leituras adequadas àquela situação. À pergunta “Onde você mora?”, por exemplo, uma resposta possível seria “Em Salvador.”; contudo, por já estar presente o pronome interrogativo “onde”, e porque a segunda mensagem dirige-se à questão colocada, o que se vê nas salas de bate-papo e nos programas conversação é: “Onde você mora”; “Em Salvador” – ou, mais comumente, “onde vc mora”; “salvador”. Cabe colocar, entretanto, que a interação desses ambientes não se restringe, evidentemente, à seqüência pergunta–resposta. Há indagações não respondidas; são concebidos encadeamentos de afirmações; são feitas sucessões de perguntas; etc. Em todo caso, as seqüências construídas pelo usuário e seu interlocutor possibilitam uma leitura apropriada àquele contexto, mesmo que não sejam utilizados sinais de pontuação nas frases que as compõem.

Ainda, outros dois pontos que devem ser considerados com relação à ausência desses sinais, nas salas de bate-papo e no programa de conversação, são a economia de movimentos no teclado e a menor reflexão necessária para a formulação de frases, ambos vinculados à questão da velocidade na comunicação – relevante, sobretudo, em uma situação na qual a ausência de rapidez na formulação e envio de mensagens pode provocar a interrupção do diálogo. Primeiro, ao se ignorar os sinais de pontuação, a inserção de ao menos um caractere é dispensada, isto é, aquela correspondente ao ponto final, ao de interrogação etc.; havendo, aí, um aumento na velocidade do envio da mensagem. Esse ganho, a princípio, talvez pareça pouco expressivo; no entanto, ponderando-se a economia de movimentos que se tem ao longo de diálogos eletrônicos de 30 ou 40 minutos, a interação entre os usuários, em decorrência disso, torna-se, de fato, mais veloz. Em segundo lugar, o abandono dos sinais de pontuação permite uma menor reflexão na formulação de frases. Uma vez que questões a respeito do emprego de vírgulas ou do ponto-e-vírgula, por exemplo, não precisam ser resolvidas, diminui-se o número de variáveis a serem ponderadas na sua composição, obtendo-se, com isso, também, um ganho de rapidez – e de espontaneidade até – nessa elaboração.

Além desses aspectos, outro uso lingüístico identificado nesta pesquisa no que se refere aos sinais de pontuação foi a repetição desses sinais. Comum a e-mails, blogs, fotologs, comunidade, salas de bate-papo e programa de conversação, a repetição de sinais apresentou-se como uma forma de se dar ênfase àquilo que foi digitado, seja uma indagação (no caso do ponto de interrogação), seja uma manifestação de alegria, raiva, dor ou uma advertência (ponto de exclamação), seja uma hesitação (reticências). Trata-se de uso relacionado à facilidade de se repetir os caracteres no computador (resultado da ação de se manter pressionadas suas teclas), todavia, não constitui exclusividade da comunicação intermediada por esse meio: a repetição de sinais é comum também a histórias em quadrinhos, por exemplo. Além disso, essa repetição parece conferir um caráter menos formal ao texto, assim como maior pessoalidade, contribuindo, aparentemente, para a aproximação entre o usuário e seus interlocutores.

Observou-se, por último, em todos os ambientes pesquisados (com exceção dos sites de empresas e do governo), o uso recorrente de reticências. Compondo notadamente sequências de orações ou palavras, mantêm elas as funções apontadas por Rocha Lima (1974), ou seja: indicam interrupções que mostram dúvida ou hesitação; indicam, em uma frase gramaticalmente completa, que o sentido vai além daquilo que foi dito; indicam que o raciocínio tomou um rumo inusitado, compondo o chiste ou a ironia etc. Aparentemente, dão elas ao texto também um caráter de informalidade, e, ainda, a

subjetividade toma corpo em decorrência do seu emprego freqüente. Se muitas são as dúvidas e hesitações; se aquilo que se disse permanece, não obstante, incompleto; o que se quis transmitir, afinal? A Tabela 3 reúne exemplos dos usos lingüísticos referentes à pontuação tratados neste tópico.²

TABELA 3 - USOS LINGÜÍSTICOS IDENTIFICADOS NA PESQUISA COM RELAÇÃO À PONTUAÇÃO.

Uso lingüístico	Ambiente	Exemplo
Pontuação conforme a gramática normativa	Site de empresa (Pão de Açúcar) ³	Nós, do Grupo Pão de Açúcar, trabalhamos incansavelmente para garantir aos nossos clientes a melhor experiência de compra, não só pela melhora dos serviços prestados, mas também pela contribuição dada pela empresa às questões sociais e ambientais do Brasil.
Ausência de sinais	Sala de bate-papo	(06:37:31) gata manhosha <i>fala para</i> odeio: acho que vc ta na sala errada (06:37:48) odeio <i>fala para</i> gata manhosha: nao estou na certa errada é vc mesma
Repetição de sinais	Comunidade	Karla: irma...please me liga eu preciso falar c vc... bjos e muitas saudades!!!!!!!!!!!!!!
Recorrência das reticências	Blog ⁴	Tô com vontade de escrever hoje, mas tô sem inspiração... Como andam as coisas? Indo... é... eu sou teoria de que enquanto está indo ta bom demais, não pode é parar... risos

b) GRAFIA

Nos *sites* de empresas e do governo e em parte dos e-mails e das mensagens coletadas na comunidade – conforme o usuário –, a grafia segue o padrão introduzido no Brasil, inicialmente, em 1931,⁵ ou seja, é regida pela ortografia. Reduzindo a uma as formas de grafar uma mesma palavra ou expressão, a ortografia confere à língua escrita uniformidade, importante para a distinção, na leitura, de termos homófonos e fundamental para o estabelecimento de parâmetros para o ensino da língua portuguesa; contudo, também instaura nela, pela natureza do termo,⁶ a dicotomia certo e errado, a qual, equivocada, coloca em posição inferior maneiras de grafar que não são, na realidade, “erradas”, apenas diferentes. A sua adoção, nos ambientes citados, possui, sem dúvida, o caráter prático que advém da

² As ocorrências extraídas de salas de bate-papo, e-mails, comunidade e programa de conversação não têm nenhum tipo de referência à fonte, pois não estão à disposição de todos os usuários da internet. Já aquelas extraídas de blogs, fotologs e sites de empresas e do governo têm suas fontes citadas (nestas notas), pois podem ser acessadas por qualquer pessoa. Deve-se observar, porém, que os blogs e fotologs, principalmente, apresentam pouca estabilidade de conteúdo, sendo que não necessariamente os excertos coletados em 2005 encontram-se ainda lá.

³ Extraído de <<http://www.grupopadeacucar.com.br/pactoglobal/>>, entre outubro e dezembro de 2005.

⁴ Extraído de <<http://minhasvidasdemenina.zip.net/>>, entre outubro e dezembro de 2005.

⁵ Por meio de um “[...] Acordo firmado entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, com aprovação de ambos os governos” (ROCHA LIMA, 1974, p. 40).

⁶ Ortografia constitui-se de dois termos gregos: *orthós* e *graphia*. Considerando que o primeiro equivale a “direito”, “reto”, “normal”, e o segundo, a “ação de escrever”, “maneira de escrever ou de representar”, o conjunto *orthographia* compõe “maneira de escrever reta ou normal” (FERREIRA, 1999).

uniformização; todavia, vincula-se, ainda – e, talvez, sobretudo –, à imagem que se pretende transmitir aos usuários da internet. A fuga à ortografia sinaliza falta de domínio da variedade padrão ou, ao menos, desconhecimento de quando se deve empregá-la de fato (se tratando de um uso não apropriado ao contexto); e, especialmente, no caso dos *sites* de empresas e do governo, essa sinalização é indesejada, por interferir negativamente na credibilidade dessas instituições.

Paralelamente a isso, em salas de bate-papo, blogs, fotologs, no programa de conversação, nos e-mails e na comunidade – dependendo dos usuários, nesses dois últimos ambientes –, foram encontradas inúmeras ocorrências que destoam desse padrão. Em parte dos casos, trata-se de modos de escrever próprios à leitura que os usuários fazem da grafia da língua portuguesa, de forma geral. Podem ser citados como exemplos “agente” (com o sentido de “a gente”) e “quiz” (como conjugação do verbo “querer”), os quais, apesar de distintos daquilo que prega a ortografia, mantêm coerência com a pronúncia dos termos. Já em outros casos, trata-se de grafias que se relacionam ao suporte em questão. Enquanto falhas de digitação, por exemplo, compõem ocorrências como “mamorada” (provavelmente resultado da proximidade entre as teclas “m” e “n”), a limitação de alguns processadores de texto e/ou a inadequada configuração de teclados – ambas responsáveis, freqüentemente, pela impossibilidade de inserção do “~” e do “^” – dão origem a usos como “aum”, para expressar “ão”, em “entaum” e “naum”, e “h”, para denotar o acento agudo, em “jah”, “eh” e “ateh”. Esses dois últimos usos, particularmente, contribuem para a composição de uma grafia própria às situações de comunicação intermediada pelos computadores – própria, mas que, como apontado por Batista (2004), pode transbordar para outros contextos. Outro traço desse modo de escrever – a princípio, peculiar – seria a permuta de letras que não se relaciona nem com a limitação dos processadores de texto, tampouco com uma inadequada configuração de teclados: as trocas do “qu” e do “c” por “k” e do “u” pelo “w”, encontradas em ocorrências como “malukinha”, “aki”, “akela”, “kade”, “valew” e “mew”. Se, por um lado, há economia de movimentos quando se utiliza o “k” no lugar do “qu”; por outro, ao serem empregados “k” em vez de “c” e “w” no lugar do “u”, não há economia alguma. Então, com relação a essas permutas, não se pode afirmar que sua origem esteja vinculada a um ganho de velocidade ou de praticidade, apenas que se tratam de traço presente na grafia da internet.

Notou-se, além disso, nesses ambientes, uma tentativa de aproximação da língua escrita com a falada. “Isso”, “quero” e “amo” são representados, respectivamente, por “issu”, “queru” e “amu”; já “triste” e “sentindo” são grafados com um “i” no lugar do “e”, isto é, “tristi” e “sintindo”.

Trata-se de exemplos bastante característicos do falar brasileiro (da região sudeste, ao menos), que tende a trocar o “o” pelo “u” e o “e” pelo “i”, principalmente na última vogal das palavras. Aproxima esse emprego a língua escrita da falada, parecendo essas permutas configurarem-se ainda como recurso que visa a tornar o texto mais pessoal, diante de um meio de comunicação cuja natureza é a impessoalidade – em virtude da ausência, sobretudo, de contato físico entre os usuários. Outro uso na grafia que, aparentemente, também exerce essa função é a repetição de letras. Tal como no caso dos sinais de pontuação, esse uso relaciona-se à facilidade de reprodução contínua de um mesmo caractere no computador, afastando a palavra da sobriedade da ortografia e dando ênfase àquilo que foi digitado: “demaissssssssssssssss”, “velhuuuuuuuuuuuuuuu” e “suuuuuuuuuuuuuuper” apresentam tom menos sério e maior realce do que “demais”, “velho” e “super”. Mais uma vez, não consiste isso em traço exclusivo da internet, sendo essa repetição encontrada também nas onomatopéias e interjeições presentes em histórias em quadrinhos.

Por fim, observou-se ainda na grafia de salas de bate-papo, blogs, fotologs, e-mails, programa de conversação e comunidade, o emprego de maiúsculas em palavras inteiras, possível ou pelo acionamento da tecla “Caps Lock”, ou pela inserção dos caracteres simultaneamente ao ato de se pressionar a tecla “Shift”. Conferem as maiúsculas, em princípio, destaque a uma palavra ou frase, representando, muitas vezes, a entonação de voz que se teria na fala, de ironia ou indignação, por exemplo, ou, até, um grito. Pode-se afirmar que esse uso visa a uma aproximação da língua escrita com a falada, embora, em alguns casos, digitar com maiúsculas pareça consistir tão-somente no hábito do usuário de inserir os caracteres com a tecla “Caps Lock” acionada. A Tabela 4 apresenta alguns exemplos identificados nesta pesquisa do emprego de maiúsculas e suas funções.

TABELA 4 - EXEMPLOS DO EMPREGO DE MAIÚSCULAS E SUAS FUNÇÕES.

Função das maiúsculas	Ambiente	Exemplo
Ênfase simples a uma palavra	Blog ⁽⁷⁾	Tem acontecido MUITA coisa e eu tenho mudado bastante.
Ironia	Programa de conversação	Paulo diz: nossa, que romântico Paulo diz: uau Tatiana diz: ahaha, SUPER! ⁽⁸⁾
Grito	Comunidade	NIVER DA MAICIBS!!! AÊÊÊ!!!

⁷ Extraído de <<http://umamenina.zip.net/>>, entre outubro e dezembro de 2005.

⁸ Para uma melhor compreensão da ironia, nesse exemplo, cabe resgatar brevemente o contexto do diálogo: Tatiana mostra a Paulo (nomes fictícios) uma foto na qual ela aponta, com um dedo, uma lata de lixo e, com outro, uma paisagem urbana. Tatiana justifica-se, dizendo: “pq a cidade era um lixo”. Paulo, então, faz os seguintes comentários: “nossa, que romântico”; “uau”. A estes, Tatiana responde, com ironia: “ahaha, SUPER!”.

c) BRAQUISSEMIA E ACROSSEMIA

Na comunicação intermediada pelos computadores, procura-se, muitas vezes, transmitir mensagens com economia de movimentos e mais velocidade. Isso implica não apenas uma menor freqüência dos sinais de pontuação, mas, ainda, um maior emprego dos recursos de simbolização (esta tal qual mera representação) de palavras e expressões, isto é: braquissemia e acrossemia. Braquissemia é "... o emprego de parte de um vocáculo pelo vocábulo inteiro" e apresenta uma subtração que "... pode ser em elementos terminais (**apócope**), iniciais (**aférese**) ou, mais raramente, mediais (**síncope**)" (MONTEIRO, 1987, p. 174). "Vice" para expressar "vice-presidente", "auto" com o sentido de "automóvel" e "brigado" equivalendo a "obrigado" são exemplos desse recurso (MONTEIRO, 1987). Já a acrossemia é um "... processo que consiste na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto ou de uma expressão", como "tv" ("televisão") e "Ip" ("long-playing" – talvez mais conhecido, no Brasil, como disco de vinil) (MONTEIRO, 1987, p. 175).

Nos ambientes pesquisados, excetuando-se os *sites* de empresas e do governo, foram encontrados, primeiramente, os três tipos de braquissemia assinalados por Monteiro, e mais outros dois, mistos, que combinam síncope e apócope e aférese e apócope. A apócope, recorrente nos dados desta pesquisa, apresentou-se de duas formas: ou pelo emprego de uma só letra representando toda uma palavra ("q" equivalendo a "que", por exemplo); ou pela substituição de um vocáculo por suas três ou quatro primeiras letras (como "trab", usado no lugar de "trabalha"). Entre as braquissemias, é ela a que maior economia de movimentos proporciona ao usuário – em sua primeira forma –, e, talvez, isso justifique o fato de ter sido freqüente nos dados coletados. Por outro lado, foram observados pouquíssimos casos de aférese. Estes limitaram-se ao registro de modos específicos do falar de determinadas palavras – a exemplo de "tadinho" (forma comum à fala de "coitadinho") –, não tendo sido identificadas ocorrências dessa braquissemia que aparentem ter surgido na internet, apenas aquelas que parecem provir da fala. Já a síncope foi a braquissemia que maior incidência apresentou. Tal qual a apócope, proporciona grande economia de movimentos, relacionando-se sua recorrência, também, possivelmente, a esse fato. Foram encontradas ocorrências, talvez, reconhecidas apenas por determinados grupos, como "pw" (síncope de "pow", variação escrita da interjeição "pô") e "flw" (síncope de "falow", variação escrita de "falou", expressão com o sentido de "até mais"); e, ainda, aquelas que vêm se cristalizando na internet, como "bjos" (síncope de "beijos") e "abs" (de "abraços"). Além disso, da mesma forma que a síncope, o misto entre síncope e apócope

apresentou grande incidência. Com ocorrências constituídas, em sua maioria, pela junção de duas ou três consoantes de uma palavra (a exemplo de “vc”, “você”), repete-se o que se apontou na abordagem da apócope e da síncope, isto é, a economia de movimentos é um fator relevante se analisada a freqüência desse uso lingüístico. Por último, o segundo tipo misto, entre aférese e apócope, apresentou uma única ocorrência: “níver”. Como os exemplos de aférese, trata-se de um caso comum à fala (de jovens e adolescentes), parecendo a composição das braquissemias na internet se articular, com mais freqüência, sob os tipos quase exclusivos da língua escrita (apócope, síncope e o misto entre síncope e apócope). A Tabela 5 reúne exemplos dos cinco tipos de braquissemia encontrados nesta pesquisa, juntamente com os seus significados (entre parênteses).

TABELA 5 - EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA INTERNET DOS DIFERENTES TIPOS DE BRAQUISSEMIA E SEUS SIGNIFICADOS (ENTRE PARÊNTESSES).

Braquissemia	Exemplos
Apócope	d (de) q (que) q (qual) m (mulher) h (homem) c (com) t (te) c (você) p (pra) ñ (não) q (quer) m (muito) s (sim) facu/facul (faculdade) trab (trabalha) col (colégio) vet (veterinário)
Aférese	Dorei (adorei) migona (amigona) tadinho (coitadinho)
Síncope	Qts (quantos) qta (quanta) qdo (quando) tdo (tudo) tds (todos) abs (abraços) rs (risos) mto (muito) gte (gente) qro (querer) bjos (beijos) vms (vamos) gde (grande) Ldna (Londrina) vz (vez) ctza (certeza) flw (“fallow”) vlv (“valew”) biju (“beiju”) bjoks (“beijokas”) ksa (“kasa”) pw (“pow”) mtaum (“muitaum”) pks (“pakas”)
Síncope e apócope	gt (gata) vc (você) tb (também) pq (porque) bb (bebê) msg (mensagem) blz (beleza) hj (hoje) adc (adicionar) ng (ninguém) nd (nada) qq (qualquer) qnd (quando) cd (cadê) dst (deste) pls (please)
Aférese e apócope	Níver (aniversário)

Quanto à acrossemia, nos ambientes pesquisados, identificou-se apenas uma ocorrência desse recurso: “fds” (“fim-de-semana”). Isso é um contraponto à lógica da economia de movimentos que vem sendo retomada neste trabalho. Se a acrossemia proporciona maior economia do que a braquissemia (por possibilitar eliminar um maior número de caracteres, se aplicada a expressões), por que, então, é menos utilizada que esta? Ainda, opondo-se essa freqüência com aquela que se encontra em alguns ambientes eletrônicos americanos, tem-se um contraste interessante. Em *chats* dos Estados Unidos, por exemplo, há inúmeras acrossemias, como “wb” (“welcome back”, “seja bem-vindo”) e “lol” (“laughing out loud”, “dar gargalhadas”) – outras podem ser encontradas em Crystal (2002) –, muito diferente do que ocorre nas salas de bate-papo brasileiras, nas quais o seu emprego não se mostrou expressivo. Um primeiro apontamento pode ser feito, a partir disso, a respeito da existência de diferenças nos usos lingüísticos na internet entre usuários de países e contextos, culturais e lingüísticos, diversos. Esse ponto exige, todavia, por si só, toda uma pesquisa específica e, portanto, não será aprofundado aqui.

d) VOCABULÁRIO

Os ambientes eletrônicos pesquisados apresentam certa heterogeneidade no que se refere ao vocabulário. Nos *sites* de empresas e do governo, o conjunto de palavras encontrado assemelha-se àqueles de jornais e revistas – talvez pela função informativa que têm –, constituindo um vocabulário não rebuscado, composto por palavras adequadas, na maioria das vezes, a um público amplo. Nos demais ambientes, entretanto, notou-se a projeção para a língua escrita de palavras comuns, sobretudo, à fala, como “mina” (“mulher jovem”), “baranga” (“mulher feia”) e “busão” (“ônibus”). Esse último emprego, por um lado, confere aos textos informalidade; por outro, limita a sua compreensão a determinados grupos (jovens possivelmente).

Além disso, foram encontrados vocábulos criados para nomear coisas e ações da internet, como “e-mail”, “blog”, “fotolog” e “teclar” (“bater-papo na internet, via teclado”); assim como aqueles que, nesse contexto, adquirem um sentido outro, como “conectar” (“conectar-se à internet”), “endereço” (“endereço eletrônico”) e “adicionar” (“adicionar alguém em uma comunidade ou em um programa de conversação”). Observou-se que, desse conjunto, derivam ainda palavras diversas. Se há uma comunidade de nome Orkut, o encontro de seus membros é um “orkontro”; se há uma lista de *sites* favoritos no computador, a ação de se colocar um endereço nessa lista é “favoritar”; de “post” (“correio” ou “pôr no correio”, em inglês), vem “postar” (“deixar uma mensagem eletrônica”); e de blog derivam “blogger” (“aquele que escreve blogs”) e “blogar” (“a ação de se escrever um blog”). Nota-se que o processo de composição desses vocábulos é influenciado pelas línguas portuguesa (em “blogar” e “favoritar”, por exemplo) e inglesa (em “blogger”), com as quais os usuários da internet normalmente interagem.

Por último, foram identificadas realizações de diversas onomatopéias nos ambientes pesquisados (excetuando-se os *sites* de empresas e do governo), as quais reproduzem, principalmente, o riso. “kkkkkk”, “huahuahuaha”, “huhuhuhu”, “heheheh” e “hahahahahaha” são diferentes exemplos coletados nesta pesquisa que correspondem a diferentes tipos de risada. Converge o emprego desse recurso, aparentemente, também, à tentativa de se quebrar a impessoalidade própria ao suporte eletrônico, já apontada em outros usos.

e) EMOTICONS E WINKS

Mesmo os usos adotados com relação aos sinais de pontuação e à grafia e o emprego de onomatopéias e de um conjunto de palavras, muitas

vezes, próprio à fala parecem insuficientes para a expressão na internet. Outros dois recursos encontrados nesta pesquisa que são utilizados na aparente tentativa de se construir maior expressividade – e pessoalidade – nos ambientes eletrônicos são os *emoticons* (ou *smiles*) e os *winks*. Tal como signos, representam, ambos, algo para alguém – Peirce (1977) –, denotando, mais especificamente, emoções ou ações. Os *emoticons* – comuns, sobretudo, às salas de bate-papo e aos programas de conversação – são formados, em sua versão original, pela combinação de caracteres do teclado e, em versões posteriores, por gráficos elaborados por meio de *softwares*. A Tabela 6 contrasta alguns exemplos de ambas as versões.⁹

TABELA 6 - EXEMPLOS DE *EMOTICONS* (VERSÕES COMPOSTAS POR CARACTERES DO TECLADO E EM FORMATO GRÁFICO).

Emoção ou ação	Emoticons (teclado)	Emoticons (gráficos)
Alegria	=D	
Piscar um olho	;)	
Mandar um beijo	=*	

Quando empregado isoladamente, esse recurso pode servir para iniciar uma conversa, encerrar um diálogo ou, ainda, para traduzir a reação do interlocutor perante uma mensagem. Já quando utilizados em conjunto com palavras, os *emoticons* enfatizam o que foi digitado ou, mesmo, complementam aquilo que se quis exprimir. A Tabela seguinte apresenta exemplos com *emoticons* que exercem essas funções.

TABELA 7 - EXEMPLOS DE USOS DOS *EMOTICONS* COM DIFERENTES FUNÇÕES.

Função	Ambiente	Exemplo
Iniciar um diálogo	Sala de bate-papo	(05:38:42) gostozinho /chegol <i>fala para</i> cris: 
Encerrar um diálogo	Sala de bate-papo	(11:33:04) Anne (reservadamente) <i>fala para</i> Todos: 
Ênfase	Comunidade	Bjuxxxx ;****
Complemento	Sala de bate-papo	(05:38:22) sereia <i>fala para</i> Todos: felipe eu tenho 16 

No primeiro e segundo exemplos, os *emoticons* foram utilizados, respectivamente, para dar início a um diálogo e para encerrar a participação em um *chat*. Desprezaram os usuários, em ambos os casos, o uso de palavras, expondo a autonomia que podem ter esses signos em relação ao

⁹ Os emoticons gráficos apresentados neste artigo foram redesenhados com o *software* Corel Draw (em formato .jpg e resolução de 300 dpi), a fim de possibilitar uma impressão de melhor qualidade.

verbo. Já nos outros dois, serviram os *emoticons* para enfatizar o teor da mensagem e para somar sentido àquilo que se formulou com palavras – o *emoticon* de mandar beijos, ao apresentar o mesmo sentido de “Bjuxxxx” (síncope de “beijux”, variedade de “beijos”, com a repetição da última letra); e o de piscar um olho, ao compor uma demonstração de receptividade do usuário com relação ao interlocutor, não expressa por “felipe eu tenho 16”.

Além disso, são freqüentes no programa de conversação os *emoticons* animados e os *winks*. Os primeiros são compostos por duas ou mais imagens seqüenciais, que, diferentemente dos anteriores (estáticos), representam toda uma ação – como, por exemplo, chorar. Já os *winks*, “saudações animadas” (MSN MESSENGER, 2006), fazem uso da tecnologia do *software* de animações Flash (Macromedia), com recursos que possibilitam seqüências mais complexas de quadros. Esse conjunto, assim como os *emoticons* simples, parece se dirigir à tentativa de suprir a ausência da interação face-a-face, própria ao suporte, conferindo à comunicação mais expressão e pessoalidade.

f) MAIOR E MENOR PROXIMIDADE COM A ESCRITA

Até o momento, foram explorados diversos tópicos referentes aos usos lingüísticos identificados na internet; contudo, não se falou ainda em escrita – apenas em língua escrita (em oposição a língua falada). Ora, mas a pontuação, a grafia, as braquissemias, o vocabulário e mesmo os *emoticons* e os *winks* não estão relacionados à escrita que é realizada nos ambientes eletrônicos? Sim. E não. Essa resposta depende, sobretudo, da acepção de escrita que se adota. Caso esta seja admitida como um sistema de comunicação humana que se dá por meio de marcas visíveis convencionais (GELB, 1974) (perspectiva tradicional), praticamente tudo o que foi tratado até aqui se refere à escrita. Contudo, caso se adote uma acepção do termo que envolva as operações que a escrita abrange, a resposta é menos evidente. Neste estudo, especificamente, partiu-se da concepção lacaniana de escrita, isto é, escrita como “... um fazer que dá suporte ao pensamento”¹⁰ (LACAN, 2005, p. 144), admitindo-se ainda que escrita pressupõe um trabalho. Como os trajetos conscientes de raciocínio seguem uma lógica, a princípio, linear (mesmo quando múltipla, é composta por fragmentos lineares), não é possí-

¹⁰ “Une écriture est donc un faire qui donne support à la pensée ...” (LACAN, 2005, p. 144).

vel contrastar dois desses trajetos simultaneamente. Pensa-se X, Y e Z separadamente, e não a um só tempo, sendo limitadas ainda as possibilidades de intercalação desses percursos. Todavia, quando estes são projetados no papel ou computador, é possível reuni-los, organizá-los, conferir a eles unidade e reformulá-los, conforme se opõe aquilo que foi delineado com um raciocínio que se desenvolve e se transforma a partir desse contraste. É na escrita e por meio dela que se constroem trajetórias que, compostas por unidades simples, constituem todos os complexos, apreensíveis pela leitura e reflexão. Escrita, portanto, tal qual admitido aqui, não se configura como a concepção tradicional do termo; exige um trabalho que faz com que um texto escrito se diferencie de um fluxo verbal de palavras anotadas – como aponta Riolfi (2003) –, envolvendo:

Ações para compor uma peça com aparência de ser homogênea, como, por exemplo, inverter suas diversas partes, incluir ou excluir argumentos, traduzir o jargão de uma área em linguagem corrente, trabalhar na materialidade textual para obter maior precisão lingüística e assim por diante (RIOLFI, 2003, p. 48).

A análise do material coletado na internet visou a identificar, por último, a partir dessa acepção e de suas implicações, em quais dos ambientes pesquisados há esse trabalho da escrita e, consequentemente, em quais ambientes a produção se situa mais, ou menos, próxima da concepção de escrita adotada neste estudo.

Verificou-se, primeiro, que, nas salas de bate-papo e no programa de conversação, a produção encontrada aproxima-se muito mais de uma representação da fala. Nesses ambientes, são realizadas formulações rápidas, que descartam as operações apontadas acima, em virtude do próprio contexto de uso da língua, que exige velocidade na elaboração e envio de mensagens para o estabelecimento de diálogos. Essa produção constitui-se predominantemente de seqüências de frases curtas e, uma vez dado o comando de envio de uma mensagem, não é possível alterá-la, não sendo passíveis de realização modificações na grafia, na ordem de apresentação das orações ou nas palavras empregadas, por exemplo. Esta amostra, parte do diálogo entre “Graciosa” e “_*DUD@.vesp.d.natal”, reúne alguns desses aspectos, situando-se distante daquilo que se entende, aqui, por escrita.

Graciosa: affff amigaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

Graciosa: kkkkkkkkkkkkkkk

_*DUD@.vesp.d.natal: MIGA.....VC FICOU SABENDO DO ENCONTRO QUE IA TER NE ?

Graciosa: fiquei sim,só que daí fiquei dodoi e sumi

_*DUD@.vesp.d.natal: O ENCONTRO IA SER HJ.....MAIS NAUM VAI TER MAIS.....DEU TUDO ERRADO.....NINGUEM PODE IR.....

Já nos blogs e fotologs, nos e-mails e na comunidade, a produção identificada, em muitos casos, dá indícios da existência do trabalho da escrita, dependendo do usuário-autor. Esses ambientes, diferentemente dos anteriores, não exigem, em princípio, velocidade nem na formulação nem no envio das mensagens, e, portanto, os textos podem ser esculpidos conforme o intuito de quem os produz. O exemplo abaixo apresenta um percurso mais desenvolvido do que os encontrados nos *chats* e no programa de conversação, situando-se mais próximo da acepção de escrita adotada.

Uma vez discuti com uns “letrados” sobre os rumos da nossa língua; inclusive, gostaria de fazer disso uma militância, tanto aqui no blog quanto na vida... Mas, estou repensando os meus conceitos, pois sempre me intrigou esse poema do Manuel Bandeira... Sei lá! Talvez ele estivesse distante da realidade iminente da globalização, que pode extinguir a nossa língua de uma vez por todas, em nome de uma tal “praticidade”...¹¹

Constituído por frases de maior extensão, apresenta um percurso que: (1) situa o leitor na temática – “Uma vez discuti com uns ‘letrados’ os rumos da nossa língua ...”; (2) apresenta a postura do autor a seu respeito – “... inclusive, gostaria de fazer disso uma militância ...”; (3) insere um contraponto ao ponto de vista anterior, assinalando uma mudança de opinião – “Mas, estou repensando os meus conceitos ...”; (4) explica a razão dessa mudança. Trata-se de um texto cuja elaboração envolveu, provavelmente, parte das operações citadas, aproximando-se mais da escrita, tal qual se admitiu aqui.

¹¹ Extraído de <<http://pereiragiovanni.blog.uol.com.br/>>, entre outubro e dezembro de 2005.

Por último, quanto à produção encontrada ao longo desta pesquisa nos *sites* de empresas e do governo, compõem as amostras todos homogêneos, resultado de operações que visam, por exemplo, a uma maior precisão lingüística e unidade. A partir desses todos, pressupõe-se a existência de um trabalho, configurando-se essa produção tal como a acepção de escrita aqui adotada. O excerto abaixo, extraído do site do Governo do Estado de São Paulo, é uma amostra do material coletado nesses ambientes. Apresenta linguagem simples, adequada a um público amplo; mostra cautela do autor com relação à objetividade e clareza; e reúne uma seqüência de idéias que sustentam o posicionamento “Falar do Estado de São Paulo é sempre no superlativo”. Compõe, por fim, homogeneidade e esconde as operações realizadas nessa composição.

Falar do Estado de São Paulo é sempre no superlativo. É o Estado com a maior população, o maior parque industrial, a maior produção econômica, o maior registro de imigrantes e, como também não poderia deixar de ser, com toda a complexidade do Estado mais cosmopolita da América do Sul. Foi construído com o vigor e o duro trabalho de povos de todas as partes do Brasil e do mundo...¹²

DISCUSSÃO

Neste trabalho, conforme o proposto, construiu-se, a partir da amostra de diferentes contextos eletrônicos, uma perspectiva da internet brasileira, envolvendo tanto esses contextos como aspectos do suporte. Não se restringiu este estudo a um ou dois ambientes e, nisso, difere das pesquisas de Hilgert (2000), Nader (2001) e Batista (2004), voltadas para *chats* e programas de conversação.

Destaca-se, neste estudo, a importância do suporte naquilo que se apontou. A ausência dos sinais de pontuação decorre, aparentemente, da necessidade de uma troca de informações veloz, permitida pelos computadores em rede; usos como “entaum” e “ateh” foram originados a partir da limitação de alguns processadores de texto e/ou de uma configuração de teclados incorreta; há a expansão no léxico para suprir a necessidade de se nomear o novo no mundo eletrônico. Observou-se, enfim, que, ao se tra-

¹² Extraído de <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/saopaulo/>>, entre outubro e dezembro de 2005.

Ihar com a interseção linguagem e internet, a relação com os aspectos dos computadores, abrangendo *hardware* e *software*, é fundamental – caso ela não seja explorada, a análise torna-se incompleta.

Por fim, pode-se observar que a relação entre língua escrita e falada na internet não foi explorada da mesma forma que em estudos anteriores. Não se falou em “língua falada-escrita” (NADER, 2001), nem em “texto ‘falado’ por escrito” (HILGERT, 2000); apenas em produções situadas mais ou menos próximas à concepção de escrita adotada e em produções que se configuram mais como uma representação da fala. A razão disso é que não se enxergou nos diálogos dos *chats* e do programa de conversação um tipo distinto de “língua”, nem uma nova forma de “texto”, a ponto de ser necessária a utilização de uma denominação específica. Apresenta a produção da internet, em muitos casos, claramente, particularidades, entretanto, não constitui ela nem uma nova modalidade de “texto”, tampouco de “língua”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição dos usos lingüísticos identificados nos sete ambientes compõe um todo que pode ser contrastado com as produções escritas de estudantes, tornando-se, aí, útil para os professores de português. Como, aos poucos, braquissemias como “vc” e “pq” começam a surgir em redações e exercícios, o docente precisa saber lidar com isso, criando meios para que os alunos desenvolvam a habilidade de empregar adequadamente as diferentes possibilidades da língua nos seus mais diversos contextos. Para fazê-lo, todavia, o professor deve conhecer, ao menos em parte, o que ocorre na internet no que diz respeito à linguagem, e, por isso, a descrição feita ao longo deste artigo torna-se relevante.

Por último, às pesquisas realizadas, este trabalho soma uma perspectiva que, vinculada ao suporte, abrange usos lingüísticos de ambientes variados. Contudo, há, obviamente, muito mais a ser explorado na internet, no que se refere à linguagem. Algumas questões que podem ser desenvolvidas a fundo são: “Por quais processos tem se dado a composição de novas palavras na internet? Derivação? Composição?”; “Existe relação entre as diferenças nos usos lingüísticos dos usuários da internet e suas características (idade, sexo, interação social, traços psicológicos, etc.)?”; “O que está por trás da maior freqüência de acrossemias nos *chats* americanos, em comparação aos brasileiros?”. São estes apenas alguns dos inúmeros percursos possíveis para um campo que, diante da expansão da internet no mundo contemporâneo, precisa ser investigado.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar usos lingüísticos de diferentes ambientes da internet, articulando-os ainda com aspectos próprios do suporte eletrônico. Para tanto, foram coletadas amostras de salas de bate-papo, blogs, fotologs, e-mails, programa de conversação, comunidade e *sites* de empresas e do governo, e os seus traços lingüísticos foram agrupados nos seguintes tópicos: pontuação; grafia; braquissemia e acrossemia; vocabulário; *emoticons* e *winks*; maior e menor proximidade com a escrita. Foram identificadas peculiaridades no uso dos sinais de pontuação e na grafia, também uma grande incidência de braquissemias, um vocabulário próprio à internet e, ainda, o uso de *emoticons* e dos *winks*. Além disso, a partir de uma concepção lacaniana de escrita e do pressuposto do trabalho da escrita, foram encontradas produções mais e menos próximas à escrita. Por fim, teve relevância nesse conjunto, sobretudo, o suporte, pois consiste ele em um aspecto fortemente provocador dos usos lingüísticos da internet aqui investigados.

Palavras-chave: *linguagem e internet; usos lingüísticos da internet; ambientes da internet e linguagem.*

ABSTRACT

This work aims to describe and analyze linguistic uses from different environments on the internet. It also relates such use with aspects concerning electronic support. For this, chats, "blogs", "fotologs", e-mails, conversation programs, electronic communities and companies' as well as government sites were investigated. Their linguistic features were assembled in (1) broad topics, such as: punctuation; spelling; shortenings; vocabulary; emoticons and winks, and (2) according to their level of proximity with writing. Peculiarities in punctuation and writing were found. It was also noticed the use of many shortenings, the use of a specific vocabulary from the internet (used to denominate things and actions in+ the electronic world), and a large variety of emoticons. Moreover, texts distinct from writing were found and written texts were identified, according to Lacan's writing conception and to the writing process idea. Lastly, the role of the electronic writing support was found relevant for this support consists in a provocative factor in the internet linguistic features that were investigated.

Key-words: *language and the internet; linguistic uses on the internet; language and environments on the internet.*

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Cassia Panizza. *A influência da linguagem dos Chats em bilhetes trocados por alunas em sala de aula*. São Paulo, 2004. 127 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- CHARTIER, Roger. A morte do leitor? Tradução de: Valdir Heitor Barzotto. *Revista Nexus: Estudos em Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 6, p. 15-24, jan./jun. 2000.
- CRYSTAL, David. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.
- GELB, I. J. *A study of writing*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1974. 319 p.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 17-55.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre XXIII. Le sinthome (1975-76)*. Paris: Éditions du Seuil, mars 2005. 249 p.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 2. ed. Fortaleza: EDUFC, 1987.
- MSN MESSENGER – AJUDA. Disponível em: <<http://help.msn.com/>>. Acesso em: 17 mar. 2006.
- NADER, Valéria Holzmann. *A interação virtual em diálogos da internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. São Paulo, 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. Leitura. Teoria & Prática. *Revista da Associação de Leitura do Brasil*, Campinas, v. 40, p. 47-51, jan./jul. 2003.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. 506 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- URBANO, Hudinilson. Uso e abuso da linguagem da internet. *Informe – Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP*, São Paulo, 1999-2001, p. 69-74, 2002. Edição especial.